

**PET Indígena**

13 de junho de 2020 · 🌐



Para quem não me conhece, me chamo Gilvana Santos Martins, indígena da etnia Karipuna, residente na aldeia Santa Izabel, situada às margens do rio Curipi, Terra Indígena Uaçá, sou estudante do ensino médio. No início deste ano de 2020 fui para Belém-PA, com a intenção de terminar os estudos e também aprender juntos com os acadêmicos e calouros indígenas da UFPA todo o processo de convivência e aprendizado dentro da Universidade.

Atualmente estou cidade de Oiapoque, pois em Belém os casos de Covid-19 só aumentam cada dia. Assim como em todo o Brasil, as aulas foram suspensas devido essa doença, que se alastrou de maneira assustadora por todo o mundo. Não estamos falando de uma simples febre ou dor de cabeça, mas sim de uma doença que já acabou com a alegria de muitos pelo mundo. Temíamos que esse vírus chegasse nas aldeias, coisa que foi impossível, o desespero e a dor de ver nossos parentes e famílias sendo infectados nos abala, e muito! Não sei vocês, mais quando soube que o exame de minha mãe tinha testado positivo e que ela estava com Covid-19 eu fiquei "sem chão", sem poder fazer nada. Mas, com a ajuda de Deus e graças a nossos remédios caseiros, ela conseguiu superar, foi um alívio enorme, pois tanto ela quanto muitos outros parentes nossos estão no grupo de risco. Fico mais tranquila em saber que nossa cultura prevalece, nossos remédios estão sendo resgatados, nossas crenças, saberes e tradições de muitos anos estão, literalmente, nos salvando.

Temos mais é que nos utilizar dos meios que nos são oferecidos em abundância, vindos da NATUREZA, pois se formos depender dos órgãos responsáveis pela saúde indígena, como diz o dito popular de minha aldeia "estamos no mato sem cachorro", não está fácil para ninguém! Na verdade, nós indígenas, minoria na visão política, temos mais é que ensinar para eles como nossa força, garra, e determinação tem ajudado a diminuir o número de óbitos em relação a outras regiões do Brasil. Um exemplo do descaso com nós, povos indígenas, é a montagem da sentinela para os indígenas. Somente após nossas aldeias estarem quase todas infectadas isso ocorreu, sendo que tiveram bastante tempo para elaborar um plano de combate ao coronavírus. Pelos relatos de alguns dos nossos parentes percebemos que a situação da saúde indígena é precária. O Brasil todo está sofrendo com essa pandemia, famílias não têm o que comer, o que beber, hospitais não tem leitos, nem medicamentos. O nosso povo indígena só não sofreu mais porque temos nosso modo de vida diferenciado quanto ao modo de se alimentar, vivendo da caça e pesca. Contamos também com a ajuda de alguns parceiros que doaram cestas básicas para as aldeias, como aconteceu agora no início dessa semana nos dias três e quatro do mês de junho. Estamos passando por um período muito complicado, durante o qual não resta muito o que fazer a não ser lutar para que não aconteça o pior em nossas comunidades. Acredito que tudo vai passar e ainda vamos viver como antes da pandemia, sorrindo, brincando, se divertindo muito em nossas aldeias, e podendo ir para nossas roças.

Oiapoque, Amapá, Amazônia, Brasil, 10 de junho de 2020.

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Pour ceux qui ne me connaissent pas, je m'appelle Gilvana Santos Martins, originaire de l'ethnie Karipuna, résidant dans le village de Santa Izabel, situé sur les rives de la rivière Curipi, Terre Indigène Uaçá, je suis au secondaire. Au début de cette année 2020, je suis allé à Belém-PA, avec l'intention de terminer mes études et aussi d'apprendre avec les universitaires et les étudiants indigènes de première année de l'UFPA tout le processus de vie et d'apprentissage au sein de l'Université.

Je suis actuellement dans la ville d'Oiapoque, car à Belém les cas de Covid-19 ne font qu'augmenter chaque jour. Comme dans tout le Brésil, les cours ont été suspendus en raison de cette maladie, qui s'est propagée de manière effrayante dans le monde entier. Nous ne parlons pas d'une simple fièvre ou de maux de tête, mais d'une maladie qui a déjà mis fin à la joie de nombreuses personnes dans le monde. Nous craignons que ce virus n'atteigne les villages, ce qui était impossible, le désespoir et la douleur de voir nos proches et nos familles infectées nous secouent, et beaucoup ! Je ne sais pas pour vous, mais quand j'ai entendu que le test de ma mère avait été positif et qu'elle était avec Covid-19, j'étais "sans fondement", incapable de faire quoi que ce soit. Mais, avec l'aide de Dieu et grâce à nos remèdes que nous faisons à la maison, elle a réussi à le surmonter, ce fut un énorme soulagement, car elle et beaucoup d'autres parents sont dans le groupe à risque Je suis plus détendu en sachant que notre culture prévaut, nos médicaments nous sauvent, nos croyances, nos connaissances et nos traditions de nombreuses années nous sauvent littéralement.

Nous avons plus à voir avec l'utilisation des moyens qui nous sont offerts en abondance, provenant de la NATURE, car si nous devons dépendre des organismes responsables de la santé indigène, comme le dit le dicton populaire de mon village "nous sommes dans la brousse sans chien", ce n'est pas facile pour personne! En réalité, nous, les indigènes, minoritaires sur le plan politique, avons davantage à leur apprendre comment notre force, et notre détermination ont contribué à réduire le nombre de décès par rapport à d'autres régions du Brésil. Un exemple de négligence avec nous, peuples indigènes, c'est l'assemblée de la sentinelle pour les peuples indigènes. Ce n'est qu'après que nos villages ont été presque tous infectés que cela s'est produit, et ils ont eu tout le temps nécessaire pour élaborer un plan de lutte contre le coronavirus.

D'après les rapports de certains de nos proches, nous nous rendons compte que la situation de la santé des indigènes est précaire. L'ensemble du Brésil souffre de cette pandémie, les familles n'ont rien à manger, à boire, les hôpitaux n'ont ni lits ni médicaments. Notre peuple indigène ne souffre plus parce que nous avons un mode de vie différent en termes de nourriture, vivant de la chasse et de la pêche. Nous comptons également sur l'aide de certains partenaires qui ont fait don de paniers alimentaires de base aux villages, comme cela s'est produit en début de semaine les 3 et 4 juin. Nous traversons une période très compliquée, pendant laquelle il ne reste plus grand chose à faire que de se battre pour que le pire ne se produise pas dans nos communautés. Je crois que tout se passera et nous vivrons toujours comme avant la pandémie, en souriant, en jouant, en s'amusant beaucoup dans nos villages et en allant dans nos champs.

Oiapoque, Amapá, Amazonie, Brésil, 10 juin 2020

Traduit par Darleine Esther Joseph

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

For those who don't know me, my name is Gilvana Santos Martins, indigenous of the Karipuna ethnic group, residing in the village of Santa Izabel, located on the banks of the Curipi River, Indigenous Land Uaçá, I am an undergraduate student. At the beginning of this year 2020 I went to Belém-PA, with the intention of finishing my studies and also learning together with the indigenous first-year and other students at UFPA the whole process of living and learning within the University.

I am currently in the city of Oiapoque, because in Belém the cases of Covid-19 only increase each day. As in all of Brazil, classes were suspended due to this disease, which has spread in a frightening way all over the world. We are not talking about a simple fever or headache, but a disease that has already ended the joy of many around the world. We feared that this virus would reach the villages, which was impossible, the despair and pain of seeing our relatives and families being infected shakes us, and a lot! I don't know about you, but when I heard that my mother's test result was positive and that she was with Covid-19, I was "unsettled", unable to do anything. But, with God's help and thanks to our home remedies, she managed to overcome it, it was a huge relief, because both she and many other relatives of ours are in the risk group. I am reassured to know that our culture prevails, our remedies are being considered effective, our beliefs, knowledge and traditions of many years are literally saving us.

What we have to do is use the resources that are offered to us in abundance, coming from NATURE, because if we are to depend on the agencies responsible for indigenous people's health, as the popular saying of my village "we are in the bush without a dog", it is not easy for anyone! In fact, we, Indigenous people, a minority in the political vision, have more to teach them how our strength, energy and determination have helped to decrease the number of deaths compared to other regions of Brazil. An example of the carelessness with us indigenous people is the setting up of the sentinel group for the indigenous people. Only after our villages were almost all infected did this occur, and they had plenty of time to draw up a plan to fight the coronavirus.

From the reports of some of our relatives we realize that the situation of indigenous people's health is precarious. All Brazil is suffering from this pandemic, families have nothing to eat, what to drink, hospitals have no beds, no medicines. Our indigenous people are no longer suffering because we have a different way of life in terms of how to eat, we live from hunting and fishing. We also count on the help of some partners who donated basic food baskets to the villages, as it just happened at the beginning of this week on the third and fourth of June. We are going through a very complicated period, during which there is not much left to do but to fight to prevent the worst from happening in our communities. I believe that everything will pass and we will still live as we used to before the pandemic, smiling, playing, having a lot of fun in our villages, and being able to go to our farms.

Oiapoque, Amapá, Amazonia, Brazil, June 10, 2020.

Translated by Ruth Lydie JOSEPH

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Para quien no me conozca me llamo Gilvana Santos Martins, indígena de la etnia Karipuna, residente en la aldea Santa Izabel, situada en el margen del río Curipi, tierra indígena Uaçá, soy estudiante de la enseñanza media.

En el inicio de este año me fui a Belém-Pará, con la intención de acabar con los estudios y también para aprender junto con los académicos y estudiantes del primer año indígenas de la Universidad Federal de Pará todo el proceso de aprendizaje y convivencia dentro de la universidad.

Actualmente estoy en la ciudad de Oiapoque, pues en Belém los casos del Covid-19 aumentan cada día. Así como en todo Brasil las clases fueron suspendidas debido a esa enfermedad, que se extendió de manera asustadora por todo el mundo. No estamos hablando de una simple fiebre ni dolor de cabeza, pero sí de una enfermedad que acabó con la felicidad de muchos por todo el mundo. Temíamos que ese virus llegase en las aldeas, cosa que fue imposible. El dolor y el desespero de ver a nuestros parientes y familias ser infectados nos sacude y mucho. No sé ustedes, pero cuando supe que mi madre dio positivo en la prueba del Covid-19, me quedé sin poder hacer nada.

Pero con la ayuda de Dios y gracias a nuestros remedios caseros, ella consiguió superar la enfermedad, fue un alivio enorme, pues ella como muchos de nuestros familiares están en el grupo de riesgo. Estoy más tranquila al saber que nuestra cultura prevalece, nuestros remedios están siendo rescatados, nuestras creencias, saberes y tradiciones de muchos años nos están salvando literalmente.

Tenemos que utilizar los remedios abundantes que nos da la naturaleza, pues si dependiesemos de los órganos responsables por la salud indígena, estaríamos como dice el dicho popular de mi aldea "estaríamos en la selva sin perro".

No es fácil para nadie, en verdad, nosotros los indígenas minoritarios a nivel político, tenemos mucho que enseñar, con nuestra fuerza, garra y determinación hemos ayudado a disminuir el número de muertes, en relación a otras regiones de Brasil.

La negligencia indígena fue la formación tardía de sentinelas en las aldeas indígenas, sólo después de que casi todas nuestras aldeas estén infectadas se hizo la formación, siendo que tuvieron el tiempo suficiente para elaborar un plan contra el coronavirus.

Por relatos de algunos de nuestros parientes percibimos que la situación de la salud indígena es precaria. Todo Brasil está sufriendo con esta pandemia, muchas familias no tienen qué comer, o qué beber, los hospitales no tienen camas ni medicamentos. El pueblo indígena no está sufriendo mucho porque tiene un modo de vida diferente, en cuanto a la alimentación, viven de la caza y la pesca, contamos también con la ayuda de algunos compañeros que donaron ayudas básicas para las aldeas, como ocurrió al inicio de esta semana, en los días 3 y 4 del mes de junio.

Estamos pasando por un periodo muy complicado, durante el cual no queda mucho que hacer, a no ser luchar para que no ocurra lo peor en nuestras comunidades.

Creo que todo va a pasar y viviremos igual que antes de la llegada de la pandemia, sonriendo, jugando, divirtiendonos en nuestras aldeas y pudiendo ir a nuestros campos


Oiapoque, 11 de junio de 2020.

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

#OPETNãopara #PetIndígena #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena



PET Indígena
Site educacional

 **Enviar mensagem**

  157

73 comentários 70 compartilhamentos